

Psicodrama e pesquisa acadêmica: diálogo e ação para a conquista do espaço universitário

*Valéria Brito*²³ e *André Monteiro*¹⁸

Uma das mesas redondas do V Encontro Nacional de Professores-Supervisores, ocorrido em novembro de 1997 (São Paulo), foi dedicada ao tema da pesquisa em psicodrama. Este tema, inédito até então nesses encontros, atraiu número significativo de professores, interessados em conhecer as possibilidades de conciliar a prática do psicodrama clínico com a pesquisa acadêmica. Dentre as várias perguntas que emergiram durante a discussão que se seguiu à apresentação dos palestrantes da referida mesa-redonda, e em várias conversas informais durante o encontro, persistia a idéia de que a pesquisa em psicodrama, especialmente no contexto do psicodrama clínico, seria “naturalmente” levada a termo por meio do método psicodramático.

No esteio de uma maior receptividade acadêmica quanto aos resultados obtidos por meio de enfoques subjetivos propostos pela pesquisa qualitativa, a pesquisa em psicodrama depara-se com novas alternativas de investigação em relação às abordagens quantitativas tradicionais. É óbvio que a pesquisa estatística ocorre também no campo da sociometria, por meio de análise numérica do teste sociométrico. No entanto, em termos do psicodrama, vislumbram-se outros espaços de investigação clínica via métodos de ação, apoiados nos avanços proporcionados pelas metodologias qualitativas desenvolvidas nas ciências humanas (Haguette, 1992).

Ancorada nas perspectivas de mudanças metodológicas da ciência positiva, fenômeno genericamente denominado de “novos paradigmas” (Kuhn, 1970), é possível divisar num futuro próximo o reconhecimento amplo de que “cada sessão de grupo é uma experiência científica” (Moreno, 1983, p. 91).

Apesar do entusiasmo suscitado por essa equiparação sem sustos entre a investigação clínica e a acadêmica, julgamos necessário elucidarmos melhor este ponto. O objetivo desta pausa seria o de avaliar se o psicodrama, tal como é correntemente realizado na prática clínica, poderia ser caracterizado de imediato como uma forma de pesquisa qualitativa. Dois requisitos fundamentais para essa caracterização seriam a existência de um método e de um corpo metodológico estruturados. Com o intuito de verificar se esses requisitos estão atendidos, parece-nos indicado definir claramente os termos “método” e “metodologia”. Apesar de essenciais para viabilizar qualquer proposta científica,

são por vezes empregados de modo indiscriminado no cotidiano. Goldenberg (1997) tenta diferenciá-los recorrendo à etimologia. A origem grega do termo método (méthodos) significa o caminho para se chegar a um fim; sua característica essencial consiste na investigação organizada, o controle rigoroso das observações e a utilização de conhecimentos científicos. Já a metodologia (méthodos + logos), significa organização ulterior da pesquisa. Ao levantar questões críticas sobre a construção do objeto científico, problematizando a relação sujeito-objeto constituído, Lather (1992) propõe distinguir os termos definindo metodologia como a teoria do conhecimento e o enquadre interpretativo que guiam um projeto de pesquisa específico. Método seria o conjunto de técnicas para obter evidência empírica e concretizar esse projeto de pesquisa.

Uma vez esclarecida essa primeira questão sobre a existência de um método e metodologia tipicamente socionômicos, cumprem-se os primeiros requisitos para o reconhecimento da intervenção psicodramática como uma proposta de pesquisa qualitativa. Além da pesquisa qualitativa, pode-se complementar com o reconhecimento do trabalho psicodramático como a expressão de uma forma de pesquisa-ação, tal como a define Thiollent (1994): “... linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva que é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação” (p. 07).

Seguindo essa linha de esclarecimentos, o próximo aspecto digno de reflexão refere-se ao próprio conceito de “pesquisa”, igualmente empregado de maneira vaga no dia-a-dia. O dicionário (Holanda, 1995) oferece-nos os seguintes sinônimos: indagação, investigação, perquirição, devassa, sindicância. Quando, no entanto, empregamos o termo pesquisa não no contexto popular, mas no contexto profissional, não estamos tratando de um ato isolado, e sim de um conjunto de práticas (método) que resultará na produção de conhecimento relevante. Esse produto, alicerçado por proposições teóricas e trabalhos precedentes, é reconhecido ou contestado por outros colegas da área. O resultado da pesquisa será tomado como contribuição para determinado campo do conhecimento e, dessa forma, inspirará novas formulações sobre o tema ou pesquisas ulteriores.

A partir das acepções de pesquisa enumeradas por Holanda (1995), gostaríamos de destacar os sinônimos “indagação” e “investigação” no que se refere ao processo de construção do conhecimento em clínica. Apesar de sinônimos, os termos indagação e investigação correspondem a momentos distintos durante o processo de pesquisa, e contribuem para definir os papéis de diretor e protagonista no psicodrama. Uma pessoa pode indagar-se inúmeras coisas, sem necessariamente engajar-se em investigá-las, ou em pô-las em prática. Um exemplo familiar para clínico seria o indivíduo que apresenta um tipo de pensamento dito obsessivo.

Suponhamos que essa pessoa padeça de pensamento de idéias probabilísticas. A pessoa imagina várias alternativas possíveis sem, contudo, fazer qualquer coisa de caráter prático. Permanece submersa em dúvidas. Quando a pessoa chega a pôr em prática alguma atividade de investigação dessas dúvidas, por exemplo, por meio de rituais compulsivos, os resultados não produzem conhecimento significativo, pois a dúvida é refratária às evidências obtidas. A indagação não é necessariamente acompanhada por um processo de investigação, ou quando este ocorre, é inútil para responder às questões iniciais.

A indagação é um processo teórico cotidiano, que não implica necessariamente a realização de uma pesquisa tal como a concebemos no contexto da ciência. Indubitavelmente, a indagação compõe um dos momentos cruciais na produção de saber. É a partir da curiosidade, do desejo de entender ou explicar melhor determinado fenômeno ou conjunto de situações que nos propomos a buscar meios mais eficazes de aproximação e definição da realidade. Assim, a indagação é o momento inicial do processo de construção da realidade, mas não basta para o desdobramento prático desse processo.

Mesmo que não se estanque na repetição, como se observa no caso de um pensamento recorrente, a indagação pode seguir diferentes percursos, nem sempre excludentes entre si. Assim, a indagação pode conduzir a reflexões sistematizadas, criando uma filosofia. Pode também levar o indivíduo a abrir-se para respostas oferecidas por um referencial místico. Por fim, pode ainda servir como roteiro provisório para compreender a experiência, sendo esse último o caminho da ciência como a entendemos hoje. A investigação, por sua vez, é um processo de caráter prático, precedido por perguntas que determinam a intenção de corroborar ou elaborar novas hipóteses. É possível, portanto, indagar sem investigar, mas não o contrário. A fim de investigar determinado assunto, é fundamental a articulação a uma pergunta, a um pedido formulado.

Goldenberg (1997) resume esses conceitos apresentando-os em três requisitos para a pesquisa: “a) a existência de uma pergunta que se deseja responder; b) a elaboração de um conjunto de passos que permitam chegar à resposta; c) a indicação do grau de confiabilidade na resposta obtida. “Considerando-se essas reflexões iniciais sobre método, metodologia, indagação e investigação, como caracterizar o psicodrama e seus personagens em relação a esses termos? Podemos considerar o psicodramatista como o pesquisador? A pergunta persiste de modo mais ou menos explícito desde o início deste artigo, mas a resposta torna-se menos evidente à medida que avançamos.

Em síntese, a investigação não ocorre sem um pedido, uma curiosidade de conhecer. Estamos de acordo que o diretor detém os instrumentos para a investigação, isto é, o método. Mas a quem compete a indagação? A quem pertence a vontade de

se conhecer e saber os porquês de sua vida subjetiva? Ao diretor? Não. Compete ao paciente! O paciente é quem deseja ou necessita se descobrir. De mãos dadas com a esperança e a angústia, interroga-se sobre seu sofrimento, procura compreender e redefinir seu destino, encontrar sentido em seu padecimento e em sua ignorância. O pesquisador subjetivo por excelência é o paciente. O papel que cabe aos diretores é o de auxiliares de pesquisa, aqueles que implementam o método a serviço da investigação do paciente. Em termos de pesquisa, o paciente é o pesquisador existencial-sociométrico, e o diretor exerce as funções análogas às de um ego-auxiliar. Essa posição, contudo, não é a única. É uma primeira resposta. Os campos de pesquisa são múltiplos e, às vezes, intercambiáveis. Outra forma de definir o termo “pesquisa em psicodrama” consiste em pluralizá-lo, especificando suas singularidades, de acordo com a situação. Podemos traçar uma diferença didática entre a pesquisa em clínica e a pesquisa sobre a clínica: a pesquisa em clínica ocorre no contexto do atendimento e é específica em relação a um paciente determinado e suas dificuldades (in)determinadas. O paciente traz sua ignorância aliada a seus saberes e o diretor emprega o método dramático com o intuito de reduzir a ignorância e redefinir os saberes. O paciente é o pesquisador e o diretor o auxiliar de pesquisa.

A pesquisa sobre a clínica, ou metapesquisa, focaliza a adequação do método psicodramático, ao invés dos conteúdos do paciente. O pesquisador é o diretor e o paciente um sujeito-objetivado de estudo. Nessa situação, as dúvidas a serem esclarecidas relacionam-se mais ao método e à metodologia; a pesquisa é de cunho essencialmente metodológico.

Em suma, quando a pergunta provém do paciente, articulada ao psicodrama por meio de um projeto dramático, o pesquisador será o paciente. Mas, como em socrômnia não há papel desempenhado sem complementar, o diretor se constitui em parceiro desta pesquisa. O diretor assume o papel de um pesquisador-auxiliar que se alia às indagações do sujeito. Procura aclará-las por meio de um projeto dramático que pretende promover o conhecimento e a mudança. Ao atender essa demanda pela transformação no espaço intersubjetivo, o psicodrama encaixa-se nitidamente na modalidade de pesquisa-ação (Thiolent, 1994).

Os limites nas atribuições do diretor e do protagonista não representam barreiras, mas criam diferenças que implicam diferentes responsabilidades. Essa relação alicerçada na complementaridade de papéis e não na hierarquia estabelece, em última instância, as condições não apenas para a ampliação das indagações, mas, sobretudo, para o processo de co-criação. Se, por um lado, o protagonista e seu sofrimento não são resumidos a objetos-objetivados, o diretor, por seu turno, não se limita à investigação neutra e imparcial.

Esperamos com este trabalho contribuir para a reflexão sobre a pesquisa em psicodrama. Foi considerada a particularidade relacional e portanto,

fundamentalmente qualitativa dessa modalidade de pesquisa, que possibilita até mesmo trocas nas atribuições dos papéis de diretor e protagonista, dependendo da pergunta a ser esclarecida. Essa possibilidade da tomada de mais de um papel relativiza no psicodrama a dicotomia pesquisador-objeto de estudo e configura-se em um novo paradigma de pesquisa-ação.

Referências Bibliográficas

- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- HAGUETTE, T. M. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HOLANDA, A. B. *Dicionário Aurélio Eletrônico - v.12*. [software de computador]. São Paulo: Nova Fronteira, 1993.
- KUHN, T. S. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.
- LATHER, P. *Critical frames in educational research: feminist and post-structural perspectives*. *Theory into practice*, v. 31, n.2, p. 87-97, 1992.
- MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MORENO, J. L. *Fundamentos do psicodrama*. São Paulo: Summus, 1983.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1994.

Resumo

A organização teórica do psicodrama, aliada à difusão de propostas de pesquisa mais adequadas à subjetividade das ciências humanas, tem contribuído para uma maior aproximação entre ambos os campos de construção do saber. Neste artigo, os autores tecem considerações sobre a importância de adaptar a linguagem acadêmica ao psicodrama e construir uma ponte metodológica que incentive a produtividade desse intercâmbio.

Palavras-chave: Psicodrama, Pesquisa, Pesquisa qualitativa, Clínica e Educação.

Abstract

The theoretical organization of psychodrama, allied with the diffusion of research proposals which are more adequate to the subjectivity of humanistic sciences have contributed to a closer relationship between these two bodies of knowledge construction. In this article, the authors emphasize the relevance of adapting the academic language to psychodrama and build up a methodological bridge which stimulates the productivity of such exchange.

Key words: Psychodrama, Research, Qualitative research, Clinic and Education.

Referências e notas

- ¹ Maria Alícia Romaña. Pedagoga, Psicodramatista, Sócio-dinamizadora, Criadora do Psicodrama Pedagógico, Professora-supervisora da FEBRAP.
- ² Fernando L. González Rey. Doutor e Professor da Universidade de Havana, Cuba. Professor Visitante da Universidade de Brasília.
- ^{2a} Ver trabalho de Ivonne Martins de Oliveira sobre o racismo em sala de aula, preconceito, autoconceito, identidade e interação na sala de aula. Editora Papirus, 1994.
- ³ Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler. Psicoterapeuta, Professora-supervisora e Terapeuta de alunos da FEBRAP. Docente do Departamento Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae. Professora do Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Psicodrama pelo convênio SOPSP-PUCSP. Doutora em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo.
- ^{3a} Jean Jacques Rousseau, 1712-1778.
- ^{3b} Freud, em 1910, publicou, pela primeira vez, em inglês, as Cinco Lições no *American Journal of Psychology*, as quais relatavam sua primeira concepção de desenvolvimento e do tema da Psicanálise.
- ^{3c} Quanto a Piaget, mesmo estando ativo na década de 20, somente a partir de 1950 seus trabalhos começaram a ser publicados em inglês, causando um grande impacto sobre os psicólogos do desenvolvimento na Grã-Bretanha e nos EUA.
- ^{3d} J. B. Watson, grande expoente do pensamento behaviorista.
- ^{3e} Aqui o termo objeto está sendo empregado tanto para “coisas” quanto para outros sujeitos, o outro pólo da relação.
- ⁴ Maria Carmem Yoyo Bello. Educadora, fundadora da Escuela Mexicana de Psicodrama (juntamente com o Dr. Jaime Winkler) e Professora da Universidade Nacional Autônoma do México.
- ⁵ Herialde Oliveira Silva. Educadora, Psicóloga, Psicodramatista, Professora-supervisora e Terapeuta de alunos da FEBRAP.
- ⁶ Albertina Mitjans Martínez. Doutora e Professora Titular da Universidade de Havana, Cuba. Professora Visitante da Universidade de Brasília.

- ^{6a} La literatura especializada muestra diferentes conceptos de creatividad y de innovación. También existen diferentes concepciones en lo que se refiere a sus interrelaciones. Coincidimos con Eunice Alencar cuando afirma: “*Se observa que creatividad e innovación constituyen dominios muy próximos. Ambos conceptos están íntimamente relacionados y a veces han sido usados como sinónimos. La creatividad, sin embargo puede ser considerada como el componente conceptual de la innovación, mientras que la innovación englobaría la concreción y la aplicación de las nuevas ideas*” (1997, p. 14).
- ⁷ Wedja J. Granja Costa. Psicóloga, Psicodramatista, Pós-Graduada em Administração de Empresas, Professora-supervisora e Terapeuta de alunos da FEBRAP, Membro da International Association of Group Psychotherapy - IAGP, Presidente da Fundação de Estudos e Pesquisas Socionômicas do Brasil e Diretora do Instituto de Psicodrama “Jacob L. Moreno” de Fortaleza.
- ⁸ Jaime Winkler. Médico, psicodramatista, Fundador da “Escuela Mexicana de Psicodrama y Sociometría”, Doutor e Professor da Universidade Nacional Autónoma do México.
- ⁹ Yvette Betty Datner. Pedagoga, Psicodramatista, Consultora de Empresas para o Papel Profissional, Professora-supervisora de Psicodrama da FEBRAP. E-Mail: ydatner@uol.com.br
- ^{10a} Texto apresentado originalmente como Caderno de Apoio para o vídeo: Contato – Coleção pedagógica do INCA (Instituto Cajamar) e TVT (TV dos Trabalhadores) – São Paulo, 1996. Agradecemos a ambos, a liberação para a publicação.
- ¹⁰ Marília J. Marino. Psicodramatista, Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- ¹¹ Liane Maria Mühlemberg. Mobilizadora Social, instituidora do Instituto de Pesquisa e Ação Modular – IPAM.
- ¹² Ana Maria Pereira de Souza e Maria de Lourdes de Araújo. Psicólogas, Psicodramatistas e Professoras da Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama - ABP.
- ¹³ Edgar Merchán Hamann. Médico, Professor Adjunto do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília.

- ¹⁴ Paulo Bareicha. Sociomomista, Professor Assistente da Faculdade de Educação da UnB, Coordenador de Pesquisa do Instituto de Pesquisa e Ação Modular. Diretor da Cia. Brasiliense de Teatro Espontâneo. E-Mail: bareicha@unb.br
- ¹⁵ William Dennis Pearlman. Poeta, Ator e Professor no South West College, Albuquerque, EUA.
- ¹⁶ Marisa Schmidt Silva. Mestre em Psicologia Clínica, Professora-supervisora da PUC-PR, Psicóloga com especialização em Psicodrama, Psicoterapia Familiar e Psicomotricidade.
- ¹⁷ Cláudio Herman Pawel. Médico, Psicodramatista, Psicoterapeuta de crianças e adolescentes. Membro do Grupo Reprise.
- ¹⁸ André Maurício Monteiro. Psicólogo, mestre e doutorando em Psicologia na UnB, Professor-Supervisor da FEBRAP.
- ^{18a} Trabalho apresentado na mesa redonda “Família na Educação”, durante o I Encontro Nacional entre Psicodramatistas e Educadores e V Encontro de Psicodrama do Centro-Oeste, Brasília, 1998.
- ¹⁹ Liana Fortunato Costa. Professora Adjunta 4 do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da UnB, Psicóloga, Terapeuta Familiar, Psicodramatista.
- ²⁰ Maria Cecília Veluk Dias Baptista. Psicóloga, Psicodramatista, Professora-supervisora da FEBRAP, Terapeuta Familiar, Diretora Presidente do DELPHOS Espaço Psicossocial.
- ²¹ Sylvia Helena de Saboya Riquet. Economista e Psicóloga, Pós-Graduada em Análise de Sistemas. Vice-Presidente da Fundação de Estudos e Pesquisas Socionômicas do Brasil, Vice-Diretora, Coordenadora e Professora Assistente de Cursos de Formação em Psicodrama do Instituto de Psicodrama Jacob Levi Moreno de Fortaleza.
- ²² Milene De Stefano Féo. Psicóloga, Psicodramatista, Professora-supervisora e Terapeuta de alunos da FEBRAP. Professora do curso de formação em Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo.
- ²³ Valéria Brito. Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica, Psicodramatista.